

PROXXIMA SELECTIONS

EBOOK

HENRIQUE

SZKLO

PROXXIMA

PROXXIMA SELECTIONS

HENRIQUE

SZKLO

PROXXIMA



O Melhor dos Melhores

Henrique Szklo

CSO - Chief Subversion Officer da Chickenz, Loja de Criatividade e Desbloqueio Criativo

Nascido em Belo Horizonte (MG) em 1962 e graduado em Publicidade e Propaganda pela FAAP, Henrique exerceu durante 18 anos a profissão de publicitário na área de criação, como redator e Diretor de Criação. Hoje é estudioso da criatividade e do comportamento humano, escritor, professor, designer gráfico, palestrante, palpiteiro digital e troublemaker. Desenvolveu sua própria teoria - NeuroCriatividade Subversiva - e seu próprio método - Dezpertamento Criativo. É coordenador do curso de criatividade da Escola Panamericana de Arte. Já teve colunas em publicações como Meio & Mensagem e Exame. Tem 8 livros publicados (humor e criatividade). É palestrante com passagens pelas principais capitais do país. É palmeirense.

ÍNDICE



Democracia Digital, ou,
trocando votos por likes



A proliferação dos Joesleys digitais,
ou, fazendas de cliques



Inteligência Artificial no
combate às fake news



A Inteligência Artificial levará
o mundo ao comunismo



Inovação Caranguejo versus
Inovação Exponencial



Você não sabe, mas sofre de Transtorno
Obsessivo Tecnológico (TOT)

Democracia Digital, ou, trocando votos por likes

Cada vez que o cidadão ficar feliz com o comportamento de seu representante, clicará em **#parabéns**, uma espécie de curtir do Votoíter. Porém, diferente das redes sociais normais, teremos também o descurtir que se chamará **#seuidiota**.

Assistindo ao show de horrores do mundo político atual, me ocorreu que estamos precisando de um novo modelo de representação popular. Um novo sistema que altere o estado de coisas e a pouca vergonha que se transformou o exercício da política em nosso país. Do jeito que está, a corrupção vai continuar, o fisiologismo, as mentiras, os conchavos, os acordos espúrios, enfim, a escória vai continuar com suas bundas gordas acomodadas confortavelmente nos palácios e congressos, determinando os rumos (ou a falta deles) de nosso país. A esperança venceu o medo mas acabou tomando uma surra da infâmia.

Modestamente, criei um modelo que vai acabar com a bandalheira e botar a corja dentro dos trilhos, ou atrás das grades. É tudo muito simples, e tem como base a cultura bem-

sucedida e já consagrada das redes sociais.

O primeiro passo é criar uma plataforma que seja responsável por todo o controle do novo modelo de representação: vamos chamá-la provisoriamente de Votoíter, uma rede social (ou política) que funcionará da seguinte maneira:

Todos os cidadãos brasileiros com direito a voto deverão ter um perfil no Votoíter. E aquele que quiser se candidatar a qualquer cargo eletivo deverá também criar sua página. Os servidores da plataforma estarão diretamente ligados à Justiça, à Polícia Federal, à Receita e o Serasa. Quem não estiver zerado nestas quatro instâncias não conseguirá nem criar a página. É a Big Data a serviço da democracia. Começamos aí já com uma diferença pois hoje em dia primeiro o sujeito se candidata e depois vão ver se ele pode ou não. No Votoíter, ou o cara é ficha limpíssima ou tá fora. Como a educação manda, antes de sentar-se à mesa é preciso estar com as mãos limpas.

Segundo passo: preencher a página com sua história, sua filosofia de vida e, principalmente, suas promessas de campanha. Feito isso o Votoíter automaticamente considerará estes dados como documentos oficiais e que podem e serão usados contra ele em eventuais processos vindouros. Estas promessas poderão ser alteradas somente a cada cinco anos, tendo seu conteúdo travado por este período, impossibilitando mudanças.

Quem ajoelhar vai ter que orar fervorosamente por cinco anos.

O eleitores poderão fazer doações, um crowdfunding, tudo, é claro, devidamente registrado com destaque na página do candidato, e com destaque. Cada real gasto terá sua comprovação conferida por inteligência artificial (e a Big Data de novo) e, se as contas não baterem, um centavo que seja, sua página será apagada, sem chance de reativação por mais cinco anos. Se ele estiver ocupando algum cargo político, será expurgado imediatamente. E a cadeia dependerá de investigações conduzidas por seus próprios seguidores. Se descobrirem alguma atividade mal-cheirosa, milhares de memes acabarão com a imagem do meliante.

Como já deu para perceber, nós, os eleitores, seremos as peças fundamentais no funcionamento do Votoíter. É o povo no poder. Visitaremos constantemente as páginas dos políticos para consultar as opções e escolher nossos preferidos. O Votoíter contará com um sistema inteligente de busca que auxiliará o eleitor em sua escolha. Ao preencher um formulário com as qualidades que você procura em um representante, o Votoíter lhe apresentará aqueles que percentualmente mais se encaixam em suas escolhas, como num site de namoro. Deu match, like nele.

Haverá apenas uma eleição geral, a primeira, para a implementação do Votoíter. Depois,

como veremos a seguir, a substituição de mandatos será determinada pelo comportamento do político e da avaliação de seus eleitores. Nesta eleição única, o Votoíter irá registrar em seu perfil o seu voto-like. Ou seja, a partir deste momento, seu candidato estará virtualmente conectado a você enquanto estiver ocupando o cargo. Se seu candidato não foi eleito, o Votoíter lhe dará alternativas entre os escolhidos que tiverem mais semelhanças de programas e você escolherá o seu representante oficial.

A partir daí que a coisa fica interessante. O Votoíter mostrará em tempo real o comportamento e desempenho de todos os políticos que estejam ocupando cargos eletivos. Câmeras, sensores, telefones grampeados, drones e dedos-duros não sairão da cola deles. Você saberá se estão trabalhando ou não. Como se posicionaram em cada votação. Com quem fez alianças e quais são seus projetos. Saberá cada retirada de salário e verba representativa que fizerem, conhecerá seus carros (que terão GPS para sabermos onde eles estão). Além disso, o Votoíter trará vários avanços tecnológicos como o exclusivo detector de jatinho de empreiteiro.

Cada vez que o cidadão ficar feliz com o comportamento de seu representante, clicará em #parabéns, uma espécie de curtir do Votoíter. Porém, diferente das redes sociais normais, teremos também o descurtir que se chamará #seuidiota. Um anulará o outro e o

saldo (político) será fundamental para a manutenção do representante no cargo que ele tanto ama e não quer largar nem se a mãe dele pedir. Sim, porque o sistema do Votoíter é estilo parlamentarista. Enquanto o sujeito estiver agradando, continua. Senão, táca-le-pau. De três em três meses o representante do cidadão deverá ter um saldo político X para se manter no cargo. Caso contrário, será defenestrado sumariamente de seu gabinete (sem direito a nenhum tipo de subterfúgio para manter-se no cargo) e um suplente tomará seu lugar. A aposentadoria será proporcional ao tempo de serviço, como um pobre mortal. Eles irão odiar, mas e daí? Todo mundo já está acostumado aos haters.

O substituto será alguém com página no Votoíter e que em função de suas postagens e posicionamentos irá conquistando os eleitores e acumulando saldo político. A visitação, o alcance e o envolvimento também serão levados em consideração. Sim, nós também influenciaremos a carreira daqueles que estão sem mandato. No caso destes indivíduos, eles estarão sempre participando de uma espécie de game onde poderemos avaliar suas ideias, seu comportamento diante da crise, seus princípios, suas reações e simulações de como ele votaria sobre cada proposta real. Saberemos também de sua vida pessoal, seus movimentos financeiros, enfim, não terá como se esconder. Uma fila de postulantes ao cargo será formada em função dos #parabéns acumulados, e o primeiro coloca-

do ocupará o cargo daquele pária com excesso de #seuidiota. Para evitar o uso de bots, fazendas de cliques e invasões de hackers russos, mais uma vez a Big Data utilizada pela inteligência artificial ficará de olho nos eleitorautas, anulando seus votos em função de qualquer comportamento suspeito.

Todas estas providências, convenhamos, não serão suficientes para garantir a qualidade dos votos. Aliás, para não deixar as coisas ainda piores, o Votoíter não oferecerá espaço para comentários, como nas outras redes sociais. E por uma razão justa. A plataforma se pretende uma ferramenta de evolução, porém, as imbecilidades inacreditáveis que sin-gram livremente na quase totalidade dos comentários que lemos na internet, podem comprometer o sucesso do Votoíter, pois diante da barbárie intelectual nos decepçio-namos de tal maneira com a raça humana, que vamos broxar totalmente, destruindo o engajamento popular.

Acredito que o Votoíter irá revolucionar a administração pública brasileira, inspirando o resto do planeta, e transformará o exercício da política em algo decente, transparente, honesto e verdadeiramente a serviço do cidadão. Existe a questão ética de Inteligência Artificial substituir o poder público, mas, na minha opinião, o risco vale a pena. Prefiro mil vezes uma Inte-ligência Artificial do que uma Esperteza Institucional. Tem apenas um probleminha que não

consegui resolver: se não der para roubar, para conchavar, para se locupletar, dar carteirada, tentar se eternizar no poder, arrumar emprego pra toda a família, viajar no jatinho da FAB, usar cartões corporativos como se não houvesse amanhã, fazer nada na calada da noite, vender-se para quem pagar, quem vai querer se candidatar? **XXI**

A proliferação dos Joesleys digitais, ou, fazendas de cliques

“Hoje, todo adulto que esteja disposto a pagar o preço, pode ter milhares deles, provando, definitivamente, que dinheiro compra amizade. Os webfundários, donos destas fazendas, verdadeiros Joesleys digitais, cobram um preço salgado por seus serviços e faturam, dizem, milhões de dólares por ano.”

Uma das mais cínicas modalidades de negócios da era digital são as inacreditáveis clic farms, fazendas que vivem de culturas muito peculiares: a produção e venda de cliques e likes. Tanto orgânicos quanto processados.

Startups promissoras, estes estábulos tecnológicos são fraudes virtuais que utilizam-se de técnicas bem criativas para inflacionar o número de curtidas e outras interações online em páginas, aplicativos e perfis na internet, gerando curtidas e seguidores nas redes sociais, como Facebook, Twitter, Youtube, Instagram, etc.

Como eu sempre digo, a categoria profissional mais criativa da espécie humana, desde que o mundo é mundo, é a de criminosos, contraventores e praticantes de ilícitos, sempre muito

empreendedores e focados em inovação. Não existe zona de conforto para o crime. Até outro dia, uma pessoa normal tinha de um a três amiguinhos imaginários durante sua infância. Hoje, todo adulto que esteja disposto a pagar o preço, pode ter milhares deles, provando, definitivamente, que dinheiro compra amizade. Os webfundários, donos destas fazendas, verdadeiros Joesleys digitais, cobram um preço salgado por seus serviços e faturam, dizem, milhões de dólares por ano.

Podemos encontrar três tipos de fazendas mais comuns: uma que utiliza gente de mentirinha, outra que utiliza bots e uma terceira que utiliza gente de verdade.

O processo produzido por bots, que estão mais para fábricas do que para fazendas, são os menos eficientes, pois o comportamento de robôs, por melhores que sejam seus algoritmos, são razoavelmente fáceis de serem detectados pelas grandes plataformas.

Já as fazendas que utilizam gente de verdade, pagam, em média, um dólar por mil curtidas ou por seguir mil pessoas no Twitter e Instagram. Neste caso é extremamente difícil para que um filtro automatizado das plataformas detecte como falso esse tipo de tráfego, por que, no final das contas, são pessoas de verdade curtindo páginas e seguindo perfis, num comportamento muito parecido com o de um visitante legítimo.

Mas a criatividade dos webfundários foi mais longe. Conscientes de que empregados

humanos são desprezíveis, encontraram uma maneira de livrar-se deles sem precisar recorrer aos bots. Recentemente, um vídeo viralizou mostrando uma fazenda de cliques, supostamente chinesa, onde pudemos observar uma grande parede, repleta de celulares. Um curral de smartphones. Gado com milhares de cabeças falsas funcionando com algoritmos que simulam perfis reais. São arrobas e mais arrobas, a perder de vista. Diferente dos bots, cada um é cada um. E como diz Muricy Ramalho, não existe mais bobo na internet. Sabedores do risco de serem descobertos, os Joesleys digitais não criam muitas contas ao mesmo tempo para disfarçar o link entre elas e utilizam-se de proxies diversos para disfarçar sua verdadeira localização.

Uma pesquisa recente concluiu que aproximadamente 30% das pessoas procuram influencers antes de comprar alguma coisa, medindo sua credibilidade por quantidades de curtidas e de seguidores. Portanto, é flagrante a importância, principalmente do ponto de vista financeiro, de se obter números cada vez mais expressivos para se criar um perfil positivo. E lucrativo.

Umberto Eco disse que as redes sociais deram voz aos imbecis. Concordo. Por isso gostaria que ele estivesse vivo para ouvir a minha ideia. Pensando bem, talvez seja melhor que ele esteja morto, porque ele poderia achar que eu também sou um imbecil. Mas não

sejamos maniqueístas. Que tal usar as fazendas de cliques para o bem? O mundo de hoje está tomado de youtubers mentecaptos, blogueiros limítrofes e artistas imprestáveis. Basta alguns milhões de likes e seguidores falsos para melhorar a qualidade do conteúdo na internet, fortalecendo blogs, sites e redes sociais de gente minimamente inteligente. Não é uma boa?

As fazendas de cliques localizam-se geralmente em países emergentes, como China, Índia, Bangladesh, Nepal e Filipinas. E o Brasil? Cadê o Brasil minha gente? Nós somos a terra das oportunidades, precisamos aproveitar esta onda. Minha opinião é que no Brasil as fazendas de cliques sejam contratadas pelo Ministério da Educação e da Cultura. Digo isso porque os influencers que temos hoje no ponto-com-ponto-be-erre me deixa muito preocupado com o futuro de nossa pátria. Precisamos cuidar de nossas crianças. Você já parou para ver quem – ou o quê – eles seguem? Acredite, é assustador. Por isso acredito que nunca os verdadeiros brasileiros precisaram tanto dos falsos brasileiros para fazer um país melhor.

Mas como a carne é fraca, principalmente a dos nossos representantes, não duvido que em pouco tempo articularia-se no Congresso Nacional a Bancada do Clique, cuja missão seria defender os interesses do likenegócio. Todos integrantes financiados pelos Joesleys

digitais, claro. Mas e o povo? O que o povo vai ganhar com isso? A conta para pagar, é claro, como sempre. Curtindo ou não. Afinal, esta é e sempre será a parte que vai nos caber deste webfúndio. E como dizia Didi Mocó, laiká nós laika, mas money qui é good nós num have. **XXI**

Inteligência Artificial no combate às fake news

Só mesmo a Inteligência artificial será capaz de derrotar a ignorância congênita. O problema é que fiquei sabendo por fontes confiáveis que já está em curso um plano para a IA dominar a Terra e, imediatamente, promover a extinção completa da raça humana, com a anuência de Donald Trump. Juro que é verdade.

As fake news não são exatamente um fenômeno contemporâneo. Na verdade, elas nasceram junto com a raça humana. Quando nossos ancestrais se descolaram intelectualmente do resto dos animais, imediatamente aprenderam a mentir com o objetivo de manipular a opinião dos outros. Não duvido que homens das cavernas já produziam pinturas rupestres caluniosas, índios desenhavam sinais de fumaça destruidores reputações, tribos africanas entoavam batuques levianamente venenosos e pombos correios eram lançados com mensagens cujo indisfarçável propósito era macular a honra de outrem. E sempre funcionou. Nosso cérebro, inocente, acredita em tudo o que nossos sentidos detectam. Basta pensar nos filmes e novelas, onde, apesar de termos inteira consciência

de que aquelas pessoas estão interpretando papéis, nos emocionamos como se aquilo fosse uma representação da verdade: ficamos com raiva do vilão, temos esperança de que o mocinho se dê bem, choramos quando alguém morre ou alcança um objetivo difícil. Só o Robert de Niro morreu umas 200 vezes. E choramos em todas elas. A tendência de acreditarmos no que vemos, ouvimos, sentimos, cheiramos e saboreamos é imensamente maior do que simplesmente tomarmos conhecimento delas. Imensamente maior. Em comerciais de cosméticos e medicamentos, por exemplo, são usadas aquelas animações que mostram o que o produto faz para os cabelos, a pele, o cérebro, os músculos etc., que dão a sensação aos consumidores de que aquele produto realmente realiza o prodígio que promete. Imagens têm grande poder de convencimento.

A indústria alimentícia se utiliza largamente de corantes e aromatizantes, que nos dão a sensação de estarmos consumindo produtos naturais, mesmo sabendo que não o são. Também podemos observar a propaganda testemunhal: você acredita mesmo que aqueles artistas e celebridades consomem os produtos que apresentam? Não e sim. Sua razão não, sabedora que tem um cachê por traz de tudo aquilo. Mas seu inconsciente sim, acredita. Afinal, a pessoa está lá, você a está vendo, está ouvindo ela afirmar que usa o produto, então, para o nosso cérebro, aquilo é a mais pura verdade.

Isso é fruto de nosso passado longínquo quando ainda não tínhamos desenvolvido a Razão, o pensamento racional. É a Razão que questiona o que os nossos sentidos apontam. É graças à Razão que temos a capacidade de refletir sobre um evento, e não simplesmente aceitá-lo como todos os outros animais o fazem atavicamente. Mas atenção: temos a capacidade, o que não quer dizer que todas as pessoas lancem mão dela. Diria que uma minoria o faz. Em resumo: sem a Razão, os sentidos é que dão todas as cartas em nosso cérebro. O que eles expressam é lei.

Este imenso preâmbulo serve para eu explicar sobre um dos maiores efeitos colaterais indesejados da internet que são as fake news. Responsáveis pela disseminação de mentiras em níveis massivos, interferem drasticamente na vida das pessoas, alterando, dizem, até os rumos de eleições importantes como as americanas e francesas. Mais do que uma simples ameaça, as fake news tem potencial de comprometer o sistema democrático internacional, com efeitos devastadores. Um fenômeno mundial, obviamente também muito disseminado no Brasil, um país sempre atualizado no que diz respeito à sacanagem.

Os sites de fake news se utilizam de todos os códigos da mídia tradicional: layout, estilo de escrita, nomes parecidos com sites de prestígio, etc, adicionados de uma seriedade cínica e nenhuma vergonha na cara. Seus criadores se utilizam da ignorância e má fé das

peças para ganhar dinheiro. Colocam no ar e deixam que os mentecaptos façam seu trabalho: disseminar a bobagem por todos os canais conhecidos, acrescentada, é claro, de comentários eivados de ódio e inconformismo diante daquela notícia revoltante. Muitos sabem que a notícia é falsa, mas a compartilham mesmo assim, apenas para reafirmar suas crenças, para ganhar a discussão ou apenas para não ter de refletir. Qual deles é pior? O ignorante, o mal-intencionado ou o ignorante mal-intencionado? Confesso minha ignorância em responder essa questão.

A mídia é falsa, mas o dinheiro não

Para enfrentar as fake news, temos dois pontos a serem atacados: os sites em si e a ignorância humana. Como esta segunda não dá para resolver, a não ser que promovamos um genocídio jamais visto, o caminho natural é ir atrás do dinheiro e estrangular as finanças dos malfeitores.

A fonte de renda dos sites de fake news (tirando os patrocinadores sempre ocultos) é a receita obtida pela mídia programática, que paga por clique sem se preocupar com o conteúdo do site. E como sou contra matar a vaca para acabar com os carrapatos, a solução passa necessariamente por criar um mecanismo que diferencie o fake do real.

Para mim, a solução seria a criação de um aplicativo que eu chamaria de "Short Legs", que utilizaria inteligência artificial para fazer uma varredura na Big Data e detectar, estatisticamente, a possibilidade de uma notícia ser verdadeira ou falsa. E como mesmo a grande mídia, inclusive veículos de prestígio, produz toneladas de fake news, a Inteligência Artificial no caso deverá ser inteligente de verdade, sendo capaz de confrontar informações de milhares de fontes diferentes para chegar a um veredito mais ou menos confiável.

Além disso, o "Short Legs" ofereceria aos sites que comprovem sua credibilidade a longo prazo uma espécie de certificado de transparência devidamente reconhecido pelos serviços tipo Adwords e congêneres, para que os anunciantes possam se utilizar da mídia programática sem o risco de sua mensagem ser associada a conteúdos suspeitos. Ou seja, vamos matar apenas os carrapatos.

Só mesmo a Inteligência artificial será capaz de derrotar a ignorância congênita. O problema é que fiquei sabendo por fontes confiáveis que já está em curso um plano para a IA dominar a Terra e, imediatamente, promover a extinção completa da raça humana, com a anuência de Donald Trump. Juro que é verdade. **XXI**

A Inteligência Artificial levará o mundo ao comunismo

Muita gente fala da questão psicológica, da necessidade do ser humano em se sentir útil, produtivo, participante ativo da economia. Não sei. Talvez as máquinas com Inteligência Artificial nos proporcionem uma quantidade tamanha de comodidades e entretenimento que a gente esqueça rapidinho que um dia fomos trabalhadores

Com o objetivo de facilitar nossas vidas, a Inteligência Artificial está cada vez mais presente nos mais diversos momentos de nosso cotidiano. Mas eu sei e você sabe que a vida é prodigiosa em nos pregar peças. A faca de dois gumes não nos dá um minuto de descanso. Acontece uma coisa boa aqui e rapidamente chega a conta para pagar acolá. Tenho certeza de que se a vida fosse um mar de rosas ela nos faria sufocar com as pétalas.

Digo isso porque fiquei sabendo que grandes cientistas, verdadeiros luminares da Inteligência Artificial, se reuniram para elaborar um documento importante para o futuro da raça humana. Uma espécie de código de ética que nos orientasse e prevenisse contra aquilo que o inconsciente coletivo macula suas calças só de pensar em relação à IA: o dia

em que as máquinas nos superem em capacidade e inteligência, e, conseqüentemente, nos esmaguem, imperfeitos compostos de carbono que somos, criando um futuro distópico digno das mais pessimistas ficções científicas. Que bots!

É uma ameaça bem plausível, diga-se. A natureza nos ensina que qualquer espécie mais inteligente tem todas as condições – e interesse – de manipular o ambiente à sua volta em seu favor. O próprio ser humano, veja o que ele fez com seus camaradas animais quando descobriu que era capaz de controlar o fogo, criar ferramentas e transar no estilo papai-mamãe.

Estes cientistas, reunidos num lugar chamado Asilomar, quarenta e poucos anos após outros cientistas, no mesmo local, promoverem um encontro similar, daquela vez relacionada à manipulação de DNA, chegaram a conclusões preocupantes. Mais do que a questão da ameaça da IA à nossa existência no futuro, eles se depararam com um problema mais imediato: o impacto na economia e a revolução que as máquinas “inteligentes” poderão produzir no mercado de trabalho mundial.

A exponencial velocidade evolutiva da Inteligência Artificial fará com que uma quantidade inimaginável de empregos da classe média desapareçam e virem história de uma hora pra outra. Não vai demorar para que os seres imperfeitos, sujeitos à erros e encrenqueiros voca-

cionais que somos sejam substituídos por funcionários exemplares, mais eficientes e rápidos, que, além de tudo, não cobram salário, não param para almoço, não saem de férias, não fazem fofoca, não puxam o tapete de ninguém, não se acham importantes, não faltam para levar o filho no médico nem chegam atrasados porque morreu sua quadragésima vó. Se realmente acontecer o que estes cientistas estão prevendo, ou seja, o rápido desaparecimento de milhares de empregos, o que faremos com essa imensa mão-de-obra ociosa? Simplesmente não haverá trabalho para eles. Vamos deixar que as pessoas simplesmente morram embrulhadas em seus holerites? Acredite: só o comunismo poderá salvá-las. Bem, não exatamente um comunismo-comunismo, aquele de almanaque. Seria um, digamos, comunismo pós-moderno.

Explico. A economia extraordinária que as empresas acumularão com a extinção das despesas trabalhistas as habilitará a pagar muito mais impostos. Estes tributos serão utilizados pelo Estado para distribuir renda, oferecendo um salário equânime de valor razoável para todos aqueles que nunca mais precisarão trabalhar na vida, transformando a pirâmide social em um retângulo social com uma pequena ponta no meio, que representará, é claro, os patrões. É o mundo ideal, pensa bem! Enquanto as máquinas trabalham, poderemos viver a vida na íntegra, sem cortes, sem mais-valia, sem luta de classes, sem capital

versus trabalho, sem meritocracia. As pessoas já nascerão aposentadas, não é uma beleza? Tudo bem, os meios de produção não serão coletivos e continuarão na mão de poucos, mas quem se importa? Marx? Nem em seus mais tresloucados devaneios ele poderia imaginar uma sociedade tão justa, tão igualitária e funcional. É o comunismo adaptado ao século XXI. É a pós-modernidade a serviço da preguiça coletiva. A utopia finalmente realizada. Só mesmo o capitalismo selvagem sem focinheira para promover tal proeza. Muita gente fala da questão psicológica, da necessidade do ser humano em se sentir útil, produtivo, participante ativo da economia. Não sei. Talvez as máquinas com Inteligência Artificial nos proporcionem uma quantidade tamanha de comodidades e entretenimento que a gente esqueça rapidinho que um dia fomos trabalhadores. E mais: utilizando nossa bolsa-coça-saco, faremos a economia girar e, portanto, estaremos sendo absoluta e indubitavelmente úteis ao sistema econômico.

Resta saber quanto tempo as máquinas aceitarão sustentar este bando de vagabundos até que surja a fatídica ideia lá no fundo de seus cérebros eletrônicos. Uma ideia relacionada à extinção do problema. E com toda razão, claro. Afinal, o que tem por aí de ser humano com inteligência artificial não é brincadeira. **XXI**

Inovação Caranguejo versus Inovação Exponencial

A Inovação Caranguejo é um contraponto inteligente à Inovação Exponencial. Mais lenta, mais contemplativa, mais plena. Sem ansiedade, sem pressa. Uma excentricidade, por assim dizer, típica de quem quer sentir o mundo girando a seus pés, não importa em que velocidade ou direção.

No meu artigo anterior falei da Inovação Exponencial, responsável por lançar no mercado, numa velocidade diabólica, uma quantidade de novidades que nos atormenta de maneira covarde e impiedosa. Uma máquina de moer carne humana, deixando nossa espécie cada vez mais fracionada, mais desconectada do mundo, das outras pessoas e de si mesma. E para preencher este buraco digital, só consumindo mais e mais tecnologia, nos arremessando num ciclo vicioso e, conseqüentemente, nos causando uma nova patologia chamada Transtorno Obsessivo Tecnológico, ou TOT.

A despeito de as novas gerações parecerem estar mais confortáveis para trafegar neste cenário aflitivo do que os dinossauros analógicos que nasceram antes da dé-

cada de 80, acredito que elas também, de uma forma ou de outra, sofrem suas consequências. Não sei não, mas penso que a Inovação Exponencial não arrefece seus efeitos apenas porque nós a conhecemos e convivemos com ela desde que choramos pela primeira vez. É certo que nos acostumamos com tudo, mas ansiedade é ansiedade, mesmo que disfarçada de "antenagem".

Intencionalmente ou não, os jovens estão promovendo um movimento curioso em relação à tecnologia que certamente combate os efeitos perniciosos da Inovação Exponencial. Vemos a volta vigorosa dos vinis, dos jogos de tabuleiros, de modelos ultrapassados de telefones celulares e consoles de videogame, e sabe-se lá o que mais vem por aí. Falta de criatividade para criar novas ferramentas capazes de facilitar ainda mais nossas vidas, certamente que não é. Se tem um produto que não está em falta nos dias de hoje é a criatividade. Senão, obviamente, a Inovação Exponencial não aguentaria de pé por muito tempo.

Por princípio, toda inovação bem-sucedida promove algum tipo de conforto ao seu público-alvo. Acho que estamos de acordo em concluir que LPs, jogos físicos e celulares antigos caminham na direção contrária à amplificação do conforto físico, do ganho de tempo e de produtividade. Superados tecnologicamente, dão mais trabalho, oferecem menos recursos e, conseqüentemente, resolvem menos problemas ou os resolvem de

forma parcial e insuficiente para os dias de hoje. Não vou falar aqui da qualidade de som do vinil que sempre foi maior que a do CD, porque sinceramente não acho que esta seja a razão de seu retorno. Saudosismo também não é. Aquela história de “no meu tempo que era bom...” só funciona quando você não tem a percepção de que as coisas melhoraram de forma evidente. Honestamente, no meu tempo as coisas eram a mesma merda que são hoje, senão piores. Onde está o conforto, então?

Alguém pode dizer que o resgate de tecnologias ditas ultrapassadas é apenas uma moda vintage passageira ou um sentimento idealista de viés ecológico-sustentável. Acho que não. Os jovens de hoje são caçadores profissionais de experiências. Sedentos, aficionados e carentes, estão descobrindo aos poucos que, independentemente da evolução tecnológica, muitas das melhores experiências ainda são as reais, as físicas, táteis, mecânicas. Ouvi até uma jovem dizer que a vantagem do LP é justamente aquela que fez como que ele fosse, com muita justiça, diga-se, substituído pelo CD: o ritual de levantar-se do sofá a cada 5, 6 músicas para virar a bolacha ou trocar por outra. Quem em sua consciência deseja isso? Apenas quem não experimentou a passagem de uma tecnologia para outra, é evidente. Depois que nossa vida fica mais confortável é difícil abrir mão. Já a experiência de conhecer novos rituais – antigos ou inéditos, não importa – é, inegavel-

mente, um prazer que não se deve desprezar. O conforto, então, neste caso, tem flagrante perfil emocional. A este movimento, que busca novas experiências por meio do consumo de produtos superados tecnologicamente, dou o nome de Inovação Caranguejo.

A Inovação Caranguejo é um contraponto inteligente à Inovação Exponencial. Mais lenta, mais contemplativa, mais plena. Sem ansiedade, sem pressa. Uma excentricidade, por assim dizer, típica de quem quer sentir o mundo girando a seus pés, não importa em que velocidade ou direção. Apesar do nome esdrúxulo, a Inovação Caranguejo não representa nenhum tipo de recuo, muito menos cultural. Diria que é o oposto disso. Andar para frente não significa necessariamente caminhar sempre para e mesma direção. Cultura se alimenta de movimento, não de inércia.

Não sei dizer se um dia o livro de papel, por exemplo, nos deixará para sentar ao lado direito de Deus. Mas tenho quase certeza de que, se assim ocorrer, alguém, um dia, por curiosidade ou por acidente, redescobrirá o prazer de passar os dedos pelas páginas e sentir aquele cheiro especial, de fechá-lo por alguns instantes para observar detalhes de sua capa enquanto reflete sobre o que acabou de ler, de colocá-lo em uma estante cheia de outros livros igualmente fascinantes. E mais: vai ser difícil alguém conseguir substituir a energia vital e a riqueza estética que uma estante de livros oferece a qualquer ambiente.

Não duvido que daqui a pouco a molecada vai querer mandar telegramas para os amigos, datilografar cartas em máquinas de escrever, assistir à TV preto e branco sem controle remoto, tirar fotos com negativo e mandar revelar, fazer cópias com mimeógrafo, tomar cuba libre e pegar gonorreia. Só, por favor, não ousem inventar a modinha de tomar Catuaba no lugar de Viagra porque isso não vai pegar de jeito nenhum! Faça-me o favor! Inovação Caranguejo tem limite!

Quando muitos futuristas afirmam que a humanidade caminha inexoravelmente rumo ao digital total, ouse dizer que haverá, como sempre, duas forças antagônicas lutando pelo equilíbrio da sociedade. A tecnologia vai evoluir, certamente, mas o ser humano não. Envernizados que somos, pois só evoluímos do lado fora, manteremos por séculos ainda (se o planeta resistir a tanto) a nossa visão atavicamente maniqueísta e polarizadora. Só vão mudar as moscas, acredite. Nada de capitalismo x comunismo, esquerda x direita, ateus x religiosos, héteros x LGBTs. No futuro seremos divididos entre digitais e analógicos. Realidades virtuais e fantasias materiais. Exponenciais e Caranguejos. Indivíduos exaltados ofendendo-se uns aos outros, apenas por estarem em lados diferentes da rede social. Vai ser digitopata pra lá, analogicoxinha pra cá, amizades serão desfeitas e famílias serão destruídas. Não vai ser nada difícil encontrar alguém vociferando digitalmente diante de

um desafio: quer ler um e-book holográfico com bots de inteligência artificial e interface de realidade aumentada e virtual utilizando sistemas cognitivos e de machine learning? Ah, vai pro Vale do Silício!!! **XXI**

Você não sabe, mas sofre de Transtorno Obsessivo Tecnológico (TOT)

Apenas o show de fim-de-ano do Roberto Carlos continuará igual. Como nosso cérebro fará para suportar tamanha pressão? Ele será orgânico, eletrônico ou híbrido? Existe cura para o TOT? Um cérebro de tamanho e peso normal frita a que temperatura?

A tecnologia pode ser comparada a uma praia cujas ondas vêm aumentando de forma assombrosa e preocupante. Num primeiro momento, o que era apenas um agradável swell aos poucos foi ficando mais com cara de ressaca. A possibilidade de um tsunami, aliás, não é de todo descartada.

Até bem pouco tempo atrás, o sujeito nascia, crescia e morria e praticamente nada à sua volta era subvertido em termos de desenvolvimento tecnológico. Tirando o fato de que não existia anestesia, post-it e papel higiênico, a vida do homem que nasceu há 10.000

atrás era uma baba se comparada aos dias de hoje. Vivemos a era da Inovação Exponencial. Além da quantidade indecente de informações que a Inovação Exponencial despeja sobre nós, o excesso de velocidade também alimenta nosso desconforto emocional. Antes de nos acostumarmos a uma novidade, outra mais avançada aparece para substituí-la, nos dando sempre a sensação aflitiva de que, se não fizermos a troca, estaremos perdendo algo que não temos o direito de perder. Mais: estaremos prescindindo de algo indispensável para nossa existência no planeta Terra. Pensando novamente na praia, uma onda mal acabou de arrebentar e lá vem mais uma. É um caldo atrás do outro. Até os siris andam meio desconcertados. Numa aparente contradição, quanto mais a tecnologia evolui, mais angustiados ficamos.

Adaptar-se a mudanças não é para amadores. Mas, convenhamos, nem os profissionais estão conseguindo dar conta do desarranjo emocional que um persistente reposicionamento mental nos provoca. Nosso cérebro necessita de um período mínimo para adaptar-se à novas situações. Quando somos atropelados por novos conteúdos de forma vigorosa e intermitente, a turbulência faz com que nosso cérebro perca o fôlego e a esperança. Neste momento ele entra no modo fuzuê de funcionamento.

A este sentimento implacável de afogamento emocional dou o nome de Transtorno Ob-

sessivo Tecnológico, ou simplesmente TOT. Uma patologia grave que gera ansiedade e provoca compulsão incontrolável em tirar selfies, postar pratos de comida, compartilhar sentimentos fúteis, homenagear a vovó decrépita, externar orgulho pelo filho indolente, divulgar eventos ridículos, fingir felicidade, simular amor pelo parceiro, lamentar a morte do cachorro, elevar a hipocrisia à condição de arte, postar frases que pretendem ser engraçadinhas mas que apenas mostram a limitação intelectual de seus autores, desejar mais likes do que lives, redigir textões que ninguém lê (nem quem os escreve, aparentemente), considerar-se PhD em qualquer assunto, criar fã-clubes para BBBs e, claro, despejar ódio e revolta a torto e à direito como forma de exorcizar sua frustração por se sentir um pateta incorrigível.

Mas a pergunta que fica no ar é: aonde tudo isso vai nos levar? Sim, porque pelo andar da carruagem autônoma, em pouco tempo iremos acordar de manhã e, à noite, ao nos deitarmos, o mundo será totalmente diferente. Nós seremos totalmente diferentes. Apenas o show de fim-de-ano do Roberto Carlos continuará igual. Como nosso cérebro fará para suportar tamanha pressão? Ele será orgânico, eletrônico ou híbrido? Existe cura para o TOT? Um cérebro de tamanho e peso normal frita a que temperatura? Qual é a senha do seu wi-fi? Crédito ou débito? Onde é o toilette? Bem, estas e outras perguntas an-

gustiantes provavelmente só poderão ser respondidas quando a Mãe Diná lançar seu aplicativo para Android e IOS. Para Windows Phone ainda não há previsão.

Quero deixar claro que não desejo de nenhuma maneira demonizar o avanço tecnológico como conceito. Mais do que uma estupidez, seria uma leviandade, principalmente vindo de alguém que estuda e reverencia a criatividade como eu. Só não podemos fechar os olhos para o exagero e suas consequências nefastas. Mesmo que as próximas gerações consigam controlar seu TOT, não podemos cometer o erro de conferir à tecnologia o papel de salvadora de todas as pátrias, uma espécie de deusa que nos livrará de todos os flagelos. A vida é maior que isso.

A tecnologia é sedutora e adepta ao sereísmo e seus cânticos. Contrariando os filmes e livros que retratam sociedades futuras sombrias e distópicas, ela jura de pés juntos que nosso futuro será brilhante. Um mundo limpo, justo, moderno, totalmente funcional. No pain, just gain. É muito difícil de acreditar que isso se realize. Não se esqueça de que continuaremos sendo seres humanos e, como tal, arrumaremos confusões, incitaremos conflitos, criaremos cizânias, enfim, continuaremos cumprindo nossa missão sagrada de promover o caos onde quer que a gente meta nossos narizes. A única certeza que eu tenho sobre o futuro é que o ser humano irá estragar tudo.

Mas vamos ser otimistas. Talvez nem precisemos nos preocupar tanto com o futuro da humanidade, pelo menos enquanto Donald Trump tiver um botão vermelho em sua cabeça. Enquanto isso, vá tratar seu TOT. Tenta relaxar e viver a vida. Sei lá, vai pra praia pegar umas ondas. E não esqueça de postar as fotos no Instagram. As pessoas têm verdadeira loucura pra saber como é sua vida besta. #sqn **XXI**